

Imagens, currículo e Livro Didático de História¹

Evelyn Louise Almeida de Azevedo²

A importância da imagem no ato de aprender é inquestionável. Para a produção de cada imagem, uma intenção de seu autor, para sua utilização, outro sentido. A leitura da imagem proporciona ao receptor um sentido, um significado próprio de acordo com suas vivências. (Warley da Costa. 2009).

Buscamos em nossa pesquisa analisar os Livros Didáticos (LD) de História das séries iniciais e as imagens relativas ao negro como foco central de nossa análise. Um dos resultados destas disputas foi à implementação da lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da História da Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Analisamos quatro livros didáticos de história das séries iniciais do Ensino Fundamental, focando as imagens de negros apresentadas em seu conteúdo.

Escavidão em três décadas: entre raça e etnia

Neste trabalho consideramos duas formas de classificar currículo, o **currículo prescrito** e o **currículo vivido**, sendo o último marcado pelas influências do cotidiano. Como apresentamos anteriormente o currículo em sua perspectiva vivida é refeito a cada leitura e a cada experiência cotidiana. O currículo inserido no livro didático já perpassou por análises e reformulações cabíveis³, pela compreensão dos alunos e professores e com estes compõe um diálogo circular formando o currículo vivido, um conhecimento em ação.

O professor assume e estabelece uma relação com o material que lhe é fornecido para trabalhar os diferentes conteúdos nele encontrados. Nas variadas perspectivas que assume o currículo observamos disputas políticas

¹ Este artigo é o quarto capítulo da Monografia de conclusão do Curso de Pedagogia - **Ensino de história e livro didático: a imagem do negro nos livros didáticos de história das séries iniciais.**

² Graduada em Pedagogia UFRRJ/IM

³ O currículo presente no LD é atravessado por uma perspectiva pedagógica, que transforma o conhecimento presente neste material, sendo submetido e organizado visando a compreensão de alunos, professores, pais, isto é, a comunidade escolar em uma perspectiva mais ampla.

por um espaço no conhecimento e conteúdo escolarizado. Estas disputas são realizadas através das relações de poder e diversos interesses sociais que entram em concorrência.

Essa relação entre a inserção deste conhecimento no ensino de história nas séries iniciais e o uso das imagens dos LD didáticos atuais, comparados aos antigos LD, podemos observar uma produção de conhecimento diferenciado, uma perspectiva modificada e re-significada. Existem várias formas de apreender conhecimento. A imagem oferece uma leitura que difere da leitura textual. Ela remete inúmeras interpretações que podem causar impactos distintos ao indivíduo que a observa.

Para executarmos nossa análise pesquisamos LD de três diferentes décadas – a saber, (1980, 1990 e 2000) – tendo como ponto de partida a reformulação feita nos LD de história após período de ditadura militar no Brasil. Nossa pesquisa nesta seção se propõe analisar imagens da escravidão apresentadas nestes quatro LD de história.

Estudos Sociais: Brasil

Ao analisar as imagens do livro “Estudos Sociais: Brasil⁴” que reserva quatorze capítulos ao ensino de história, distribuídos em setenta e duas páginas. Encontramos quatro imagens em dois capítulos, todas em preto e branco, onde aparecem escravos negros. Nenhuma das imagens é apresentada como documento e não definem data ou autoria das mesmas. A primeira imagem **(1)** apresentada aparece no capítulo onze expressa basicamente o trabalho agrícola.

O **trabalho** é a nossa principal categorias de análise das imagens e subdividimos esta categoria em três subcategorias de análise: 1) **trabalho agrícola**; 2) **trabalho doméstico**; 3) **trabalho urbano**. **Festa, Castigo, Resistência, Vida social e Tráfico** que também compõem nossas categorias de análises relativas às imagens dos livros didáticos.

Imagem 1:

Trabalho agrícola

⁴

AZEVEDO. DARÓS. Estudos Sociais: Brasil. São Paulo: FTD, 1989.



Enquanto os escravos cortam árvores e carregam troncos são observados por dois homens “livres”⁵ e outros escravos. Uma representação da relação de subserviência entre o homem branco e o escravo negro marcada pelo maior número de escravos em relação aos brancos, que não portam armas. Atento que a imagem revela a derrubada da mata atlântica para a plantação da cana de açúcar no Nordeste e até este ponto, já na segunda página deste capítulo, não existe nenhum dado no texto sobre os escravos e a sua pertinência no plantio da cana-de-açúcar.

Em produções de pesquisa da mesma década – na academia –, 1980, encontramos dados de grande relevância sobre os negros que trabalhavam em engenhos e fazendas que não são inclusas nos livros didáticos:

A ampliação do espaço de autonomia escrava no contexto das grandes fazendas estava fortemente ligada a obtenção de casa e roça próprias, no interior das mesmas e, portanto, de uma aproximação deste modelo de exercícios da liberdade (MATTOS.1993, p.47).

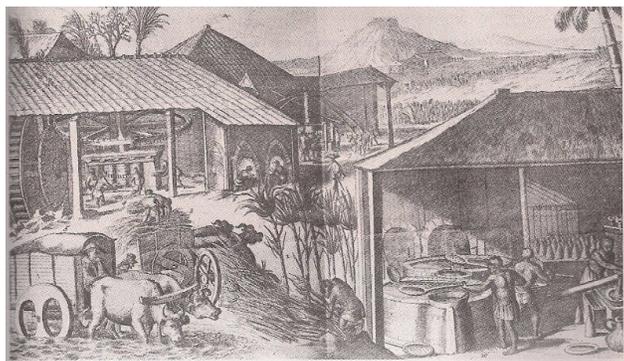
A relação encontrada por Mattos ultrapassa a condição de servidão dos escravos, incorporando questões sociais e familiares à dinâmica presente na vida escrava. Ter apenas a informação do trabalho compulsório servil e do castigo, como única perspectiva sobre os escravos é reduzir a educação de

⁵ Consideramos homens “livres” nesta imagem, os dois homens que aparecem vestidos com camisa e usando sapatos. Tradicionalmente no período escravocrata brasileiro o uso do sapato e uma marca e distinção entre homens livres e escravos (MATTOS. 1998).

crianças e adultos, que estão construindo seus conceitos sobre o negro e a escravidão através de diferentes espaços de formação, entre elas as imagens e textos encontrados nos LD trabalhados nas escolas.

Imagem 2:

Trabalho agrícola



A imagem **(2)** retrata o trabalho escravo supervisionado nas diversas etapas de um engenho de cana-de-açúcar. O texto segue após a imagem apontando o caminho feito pela cana de açúcar na produção do açúcar. Ao observar a imagem encontramos uma tecnologia elaborada atrelada a produção do açúcar nos engenhos. A indispensável mão de obra do escravo trabalha conjuntamente com a maquinaria elaborada para moer grande quantidade de cana de açúcar. Vemos ao fundo a plantação de cana, moenda, fornos, carregamento e o caldo da cana no tacho, serviços feitos por escravos negros. O texto, em sua terceira página, depois de esclarecer todos os processos feitos pela cana de açúcar refere-se ao escravo, equiparando seu trabalho ao de um animal. *“Os rolos ou cilindros que espremiam a cana eram movimentadas por bois ou escravos (AZEVEDO e DARÓS. 1989 p.71).”*

Essa comparação é uma maneira de perpetuar a idéia de alienação do trabalho. Como se as etapas do processo fossem tão fáceis que qualquer um, até um animal, pudesse exercer tal função desqualificando trabalho escravo. Algumas etapas da produção eram sim feitas por animais, porém a mão de obra escrava trabalhava com maior eficiência e menor tempo. O trabalho animal não dispensava e não substituíu o trabalho humano e sua capacidade de organização e execução planejada.

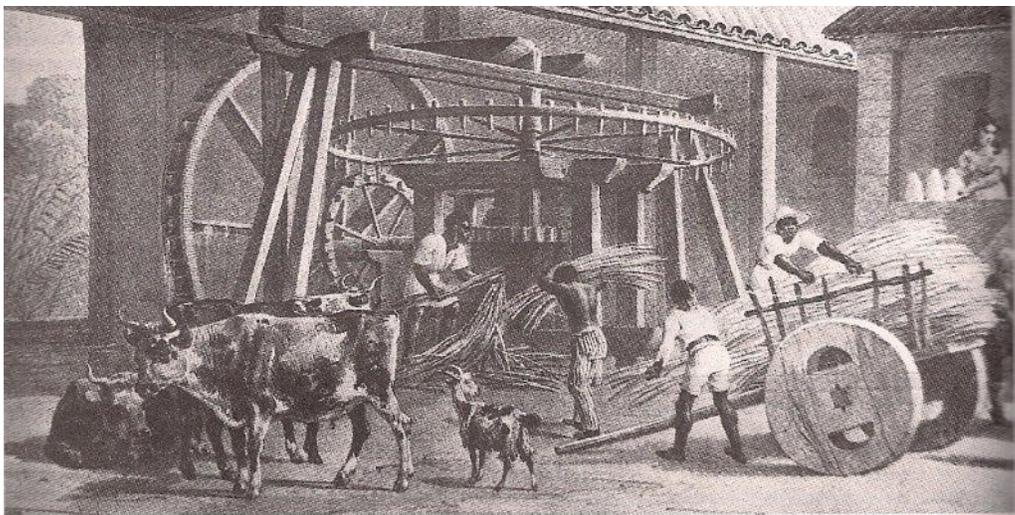
Os engenhos movidos a água eram conhecidos como engenhos reais, provavelmente em virtude do tamanho e

produtividade; esta, em meados do sec. XVII era calculada em torno de cinquenta arrobas (730 quilogramas) diárias, o dobro da apresentada pelos engenhos de tração animal (SCHWARTZ. 1998, p.109).

Como um trabalho dividido em seções, a produção de açúcar, demandava esforços específicos e os grupos se destinavam ao seu “setor”. “Na última etapa do processo, o líquido era passado às tachas, onde era submetido a calor intenso e “cozido” (SCHWARTZ.1998, p.109). Processo que só poderia ser executado por força, organização e condução humana. A especificidade do trabalho exigia especialmente raciocínio para conclusão das etapas em tempo certo.

Imagem 3:

Trabalho agrícola



A imagem (3) é acompanhada do título do capítulo doze “*Sem eles (escravos) o Brasil parava*” é um retrato semelhante ao do capítulo anterior em que o trabalho com a cana de açúcar “aparentemente” não é supervisionado. Mostra quatro escravos carregando a cana para moenda no processo da transformação em caldo. Mesmo se dispendo titular um capítulo destinado aos escravos, o livro refere-se aos escravos sempre relacionados ao trabalho, é o que ressalta o título. Ao que expressa o texto, junto às imagens, o escravo era incluído somente como mão de obra além de atribuir-lhes uma passividade em relação a essa escravidão, condição confirmada na imagem seguinte do texto.

O texto do LD reforça a relação de opressão e subserviência escrava, o segundo subtítulo do capítulo reforça esta idéia – *Como pagamento pelo trabalho PPP* - a expressão usada pelo autor no LD e reafirmada como usual por Schwartz.

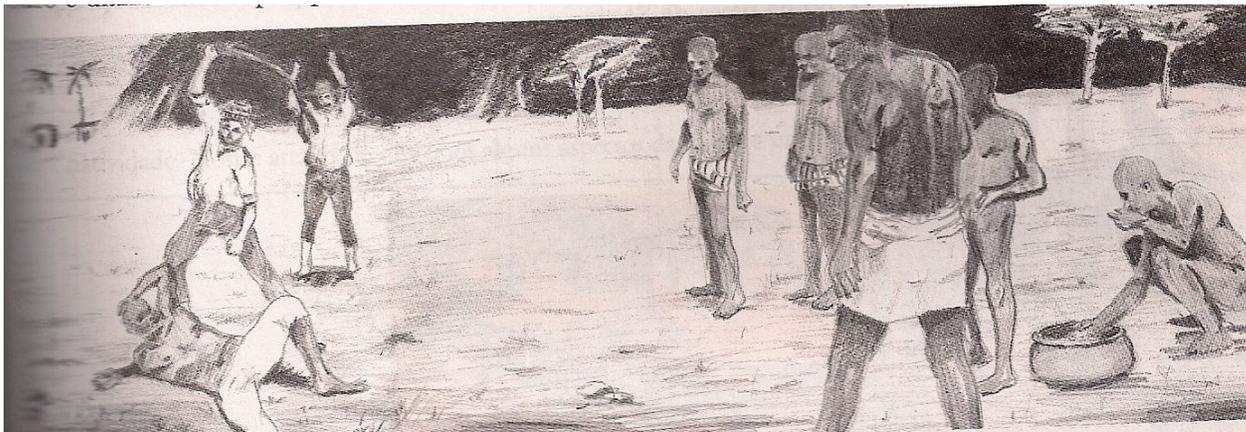
No séc XVII muitos senhores do engenho aparentemente aceitavam a teoria da administração da escravaria mencionada por Antonil, segundo a qual os cativos necessitavam de três PPP, a saber: pau, pão e pano. Observadores estrangeiros, como Johan Nieuhoff, que visitou o Brasil naquele século, falavam invariavelmente da brutalidade do regime escravista e informavam que os escravos brasileiros eram mal alimentados, mal abrigados e mal vestidos. Os comentários de observadores cuja nacionalidade ou religião predispunham-se a criticar os portugueses poderiam ser desconsiderados, não fossem as afirmações semelhantes feitas por clérigos portugueses, os quais também acusavam os senhores escravistas de desumanos. De qualquer forma, tanto os clérigos defensores de um melhor tratamento quanto os observadores forasteiros compartilhavam com a disciplina, o castigo e o trabalho eram a única maneira de sobrepujar-lhes a superstição, a indolência e aos maus modos (SCHWARTZ. 1988, p.122).

O autor demonstra que o proporcionado pelos senhores como pagamento expunha os escravos em desqualificação pessoal. Os escravos eram mal tratados física e psicologicamente, colocando-os em lugares desproporcionais ao valor de seu trabalho. Se um escravo e seu trabalho não fossem tão valiosos sua fuga não seria tão temida.

Essa é a abordagem que se empenha em descrever o LD. Exprime a relação de pagamento dos trabalhos exercidos através da condição básica e essencial de sobrevivência que se reserva ao alimento, roupa e castigo. O autor considera que dentre tantos acontecimentos e conhecimentos que se pode explorar através desta informação o mais relevante se reserva a condição do castigo que é reforçado a companhia da ilustração.

Imagem 4:

Castigo



A imagem (4), deste mesmo capítulo, representa o castigo de um escravo frente outros escravos. Enquanto apanha de um homem livre é observado por outros escravos numa afirmação de conformidade e exemplo de resignação e subserviência. Era uma relação mantida pelos capatazes para demonstrar o que acontecia aos que desobedeciam. A nosso ver existe uma desconexão entre a imagem, e o texto, anterior a ela. Se o escravo aparenta passividade e não apresenta rejeição ao trabalho, como analisamos o LD afirmação constante presente anteriormente, como pode em seqüência aparecer apanhando? Os maus tratos não decorrem apenas do trabalho incessante e das más condições de vida, mas também das tentativas de fuga e resistência? Tal luta gerou não somente o castigo, mas também é expressa pela conquista de “liberdade” adquirida nos quilombos? São questões que não aparecem no livro, ratificando uma historiografia que pressupunha a coisificação e a passividade escrava. O conceito de escravo “coisa” designa o pensamento em relação ao escravo.

Nessa perspectiva, a subjetivação da condição de coisa pelo escravo fez com que este apenas espelhasse “passivamente os significados sociais impostos pelos senhores”, em outras palavras, o negro era visto como um indivíduo inabilitado à ação e pensamento autônomo e mero receptor dos valores e normas senhoriais (PERUSSATO, 2007,p. 10).

Neste contexto que institui deveres e esclarece a isenção de direitos que se depara o escravo na sociedade. Parte do texto que acompanha a imagem sugere a dependência dessa mão de obra pelo país. Ao dizer que o “Brasil parava” nos remete a uma produção destinada ao consumo interno, condição insustentável já que não existia mercado consumidor para o tamanho da produção obtida neste período. Essa produção era destinada a metrópole e aos mercados exteriores.

Outra análise refere-se à negociação e caminho percorrido pelos africanos até sua “possível” chegada, pois muitos dos escravos morriam a caminho do Brasil. A mão de obra é o principal tema em que encontram os negros inseridos no Brasil açucareiro deste LD, outras questões pertinentes a vida social, religiosa e a resistência não aparece em seus textos.

Imagem 5:

Resistência



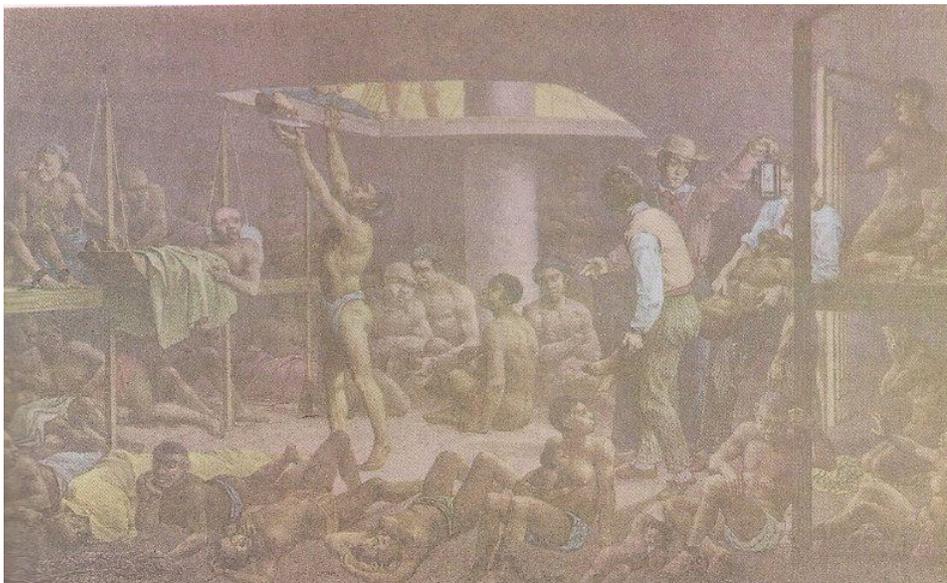
A resistência escrava é localizada na página setenta e seis com uma ilustração de Zumbi, líder do quilombo dos Palmares. A imagem **(5)** é um desenho, datado de 1988, que assemelha Zumbi aos super heróis dos anos 80. Percebemos na figura que Zumbi encontra-se em um telhado com uma faixa vermelha na cabeça, uma capa de onça e uma lança. A capa, a faixa e a lança são elementos inadequados a época e ao local, o que faz dessa ilustração uma menção aos heróis fantasiosos de desenhos e filmes, sugerindo um anacronismo histórico, desqualificando a importância da resistência e da figura de Zumbi. Assim trata de maneira pueril o tema que entendemos ser o trampolim para uma reafirmação do ser negro. A resistência, que foi assumida de formas distintas, tem no quilombo uma significância para a construção do ser negro político, situação negada dentro da sociedade escravocrata.

Este LD além de não apresentar nenhum aspecto relevante sobre a história e a cultura do escravo, que tem seu trabalho assemelhado ao do animal, também fantasia sua história de resistência e formação de organização social. São elementos como este, de diminuir a importância de momentos relevantes da história dos afro-descendente e a reafirmação do trabalho desvalorizado, que fazem parte do imaginário criado pela educação escolar, reforçado socialmente. Sendo um dos elementos que faz com que se perpetue uma negação da identidade negra na sociedade brasileira e de desqualificação de seu trabalho.

Os caminhos de Estudos Sociais

Imagem 6:

Tráfico



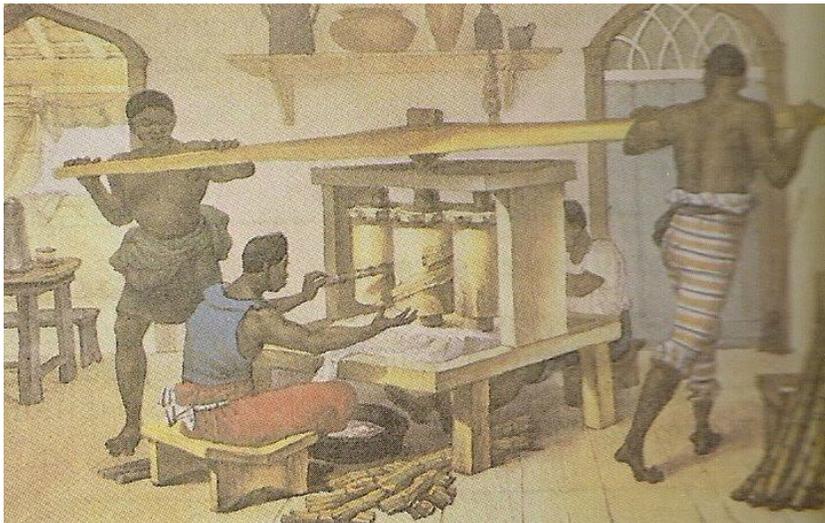
No livro “Os caminhos de Estudos Sociais⁶”, desenvolvido em cento e setenta e oito páginas distribuídas nas disciplinas Geografia e História, sendo destas oitenta e oito destinadas à disciplina de história está subdividida em vinte capítulos. Encontramos no capítulo oito, com seis páginas, a aparição da imagem do negro atrelada à escravidão e cana de açúcar. Neste capítulo três imagens expressam a representatividade do negro no Brasil. A imagem (6) é

⁶ FAVRET, Maria Luiza. *Os caminhos de estudos sociais, 4ª série*. São Paulo: Atual, 1996.

uma obra de Johann Moritz Rugendas⁷, pintor alemão, tradicionalmente encontrada em LD de história. Esta imagem retrata a viagem de homens, mulheres e crianças oriundos do continente africano, aglomeradas no interior de um navio negreiro a caminho do Brasil. Neste processo de transporte eram submetidos a condições subumanas. Nesta imagem três homens brancos carregam um escravo aparentemente morto e indicando que irão lançá-lo ao mar, fortalecendo a perspectiva de “coisa descartável”. É perceptível que a imagem demonstra e reafirma a passividade do escravo. Ela também desconsidera as diferentes nações, igualando os traços físicos e estéticos da diversidade que o continente africano oferece.

Imagem 7:

Trabalho agrícola



A imagem **(7)** é uma obra de Jean-Batist Debret⁸, pintor e desenhista francês, que retrata o trabalho de quatro escravos na moenda de cana. Configura um espaço de trabalho limpo e harmonioso dividindo com a maquinaria que exigia esforço físico para um primeiro processo da produção.

⁷ RUGENDAS, (Johann Moritz) pintor e desenhista alemão (Augusburg, 1802- Weilheim, 1858). Contratado como desenhista da expedição científica do barão de Langsdoff, chegou ao Brasil em 1821. Pintou e anotou aspectos de regiões brasileiras, suas paisagens, costumes, tipos, indígenas. Sua obra editada no Brasil (1940) com o título de *Viagem Pitoresca através do Brasil* reúne em pranchas da edição original (1835) e mais dez inéditas. Autor de mais de 3.000 trabalhos, pintou ainda aspectos de vários países latinos americanos que visitou.

⁸ DEBRET, (Jean-Batist), pintor e desenhista Frances (Paris, 1768-*ed.*,1848), membro da missão de artistas franceses solicitada por Dom João VI, chegou ao Brasil em 1816 . Foi nomeado professor de pintura histórica da Academia de Belas Artes (1820). Regressando a França em 1831, publicou em Paris de 1834 a 1839, *Viagem pitoresca ao Brasil*, de valor fundamental para nossa historia do começo do séc. XIX.

Subentende-se que os demais processos necessitam de um contingente maior de escravos para suprir a colônia. As duas gravuras dividem a mesma página entre textos, sendo que a imagem **(6)** que suponho ter menor impacto ocupa um espaço menor.

O texto não se remete as figuras como fonte documental, pois não oferece substratos precisos sobre as figuras como data e título, além de ter uma linguagem textual e imagética superficial sobre as contribuições do negro na história e cultura brasileira. A leitura das imagens é ignorada, aparecendo apenas como uma composição estética do LD. Desperdiça as possibilidades que oferece o documento de uma análise crítica mais profunda e cria uma perspectiva material para percepção do aluno referente ao período histórico.

O que muda entre as décadas de 1980 e 1990

Os LD analisados entre as décadas de 1980 e 1990 apresentam em comum os escravos inclusos na temática produção da Cana de Açúcar. Folcloriza o único ponto em que o livro aborda o negro como protagonista da história. A resistência é marcada por um personagem alegórico, o que mistifica a figura de Zumbi, líder quilombola, de grande importância na formação da história e cultura afro descendente.

Os conhecimentos estão embasados na historiografia brasileira que reafirma tais condições. Escritores que compunham relevante estudo na área da escravidão são consideráveis contribuintes para a composição e formação preconceituosa das décadas analisadas. Não existia uma análise de posicionamento que partisse do olhar do escravo. Sendo assim foram reafirmadas as obras e informações historiográficas oriundas das perspectivas elitistas. Após trabalhos que afirmavam o posicionamento marginal do negro posta por Nina Rodrigues (1932), surge a obra de Gilberto Freyre (1933), apresentadas em Perussato (que aparece para amenizar a vertente historiográfica passada). O autor considerou uma relação mais branda entre o homem branco e o escravo negro o que camufla a violência dos senhores e reitera a passividade do escravo. O escravo parece não sair daquela condição, pois lhe é cômodo ou conveniente, se encontra numa relação negociável que vai além da passividade. O conceito de raça esmiuçado no primeiro capítulo, que resume diferentes grupos de um mesmo continente em uma nomenclatura

“negro”, titula os trabalhos encontrados nos anos 80 e 90. Retirando deste indivíduo qualquer outro significado que o insira socialmente. No capítulo do livro “Os caminhos dos estudos Sociais”, que menciona o escravo negro, é claro o uso das imagens como composição estética de um texto sintético, resumindo em duas páginas e duas imagens uma história de trezentos anos.

A mescla dos trabalhos encontrados nestas décadas resultou LD que tornaram compreensíveis estudos brasileiros tidos como obras importantes. Não desconsiderando a contribuição dos trabalhos que se movimentaram, e se movimentam, na liberdade da crítica e análise dos mesmos. Neste momento esses escritos conduzem em si as re-significações que devem ser feitas na direção de outro olhar sobre o povo negro. Os documentos escritos e ilustrados contribuíram para a luta do movimento negro que tem base para contestar e afirmar a necessidade da construção de uma nova historiografia. Uma que parta da fala, do olhar e da vivência do negro.

Diferem-se apenas na elaboração textual ligadas as imagens e na atribuição documental inserida nos anos 90. As imagens do livro “Estudos Sociais: Brasil” assinala uma desconexão dos acontecimentos históricos. Por mais que o livro “Os caminhos de estudos Sociais” desconsidere uma história que revele as diferentes visões desta época, exhibe uma maior coerência no que se propõe o desenvolvimento histórico. Este elemento dá ao livro uma qualificação se referente ao anterior, mesmo fazendo uso de pouco texto e imagem exhibe uma relação entre estes.

A caminho da etnicidade: anos 2000

Os livros dos anos 2000, “História e Geografia⁹” e “Projeto prosa: história¹⁰” marcam uma mudança nas imagens e conseqüentemente na representatividade das mesmas. Estes usam as imagens como documento, a distinção das diversas nações africanas, marcando suas singularidades estéticas e culturais. Essas imagens revelam outro olhar sobre a realidade dos negros da apresentada nos LD das décadas anteriores. Neste livro a

⁹VENÂNCIO, Adriana. *História e Geografia: 4ª série: ensino fundamental*. São Paulo: Escala educacional, 2004.

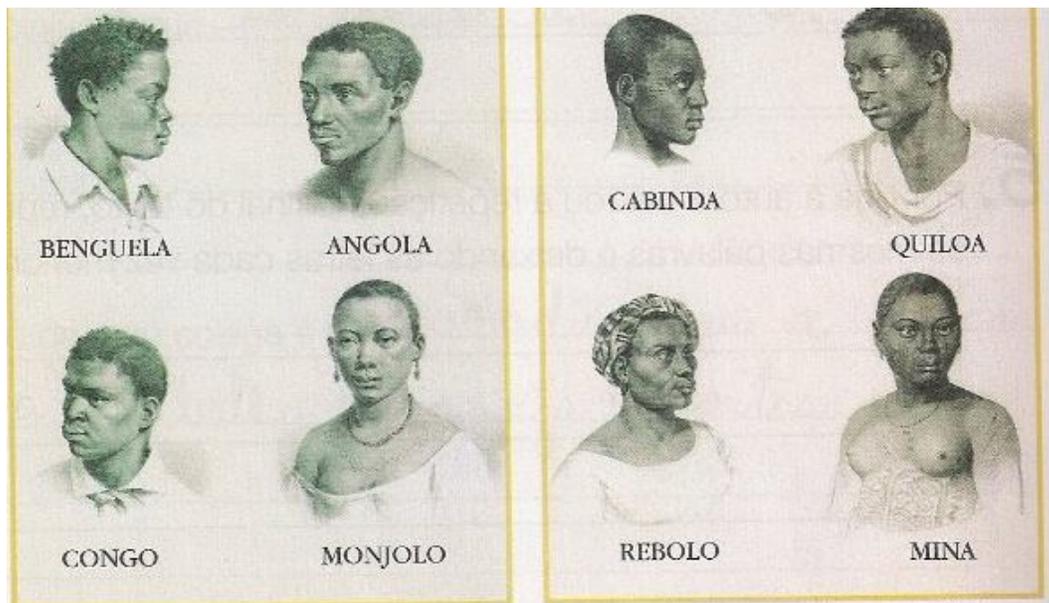
¹⁰ ALVES, Alexandre. *Projeto e prosa: história, 4º ano*. São Paulo: Saraiva 2008;

participação social do negro é observada não só como trabalhador servil, mas como participante de outros espaços sociais, incluindo o trabalho ambulante e as festas por eles realizadas. Trazem marcantes diferenças na composição, número de imagens e também da disposição e conexão das imagens com textos. No primeiro livro são encontradas ilustrações (8) de Rugendas onde são representados africanos de diferentes nações marcando os distintos traços físicos, explicação encontrada na legenda da foto.

O mesmo tipo de imagem retrato (18) é encontra no livro seguinte, porém com assinatura de Debret. Distinguem-se quando Rugendas especifica as origens dos africanos oriundos de diversas nações e Debret, estes datados de 1834-1839, apenas aponta que são de diferentes nações. As fotos retratam inclusive uma distinção cultural perceptível no retrato de Moçambicanos que apresentam queloides no rosto.

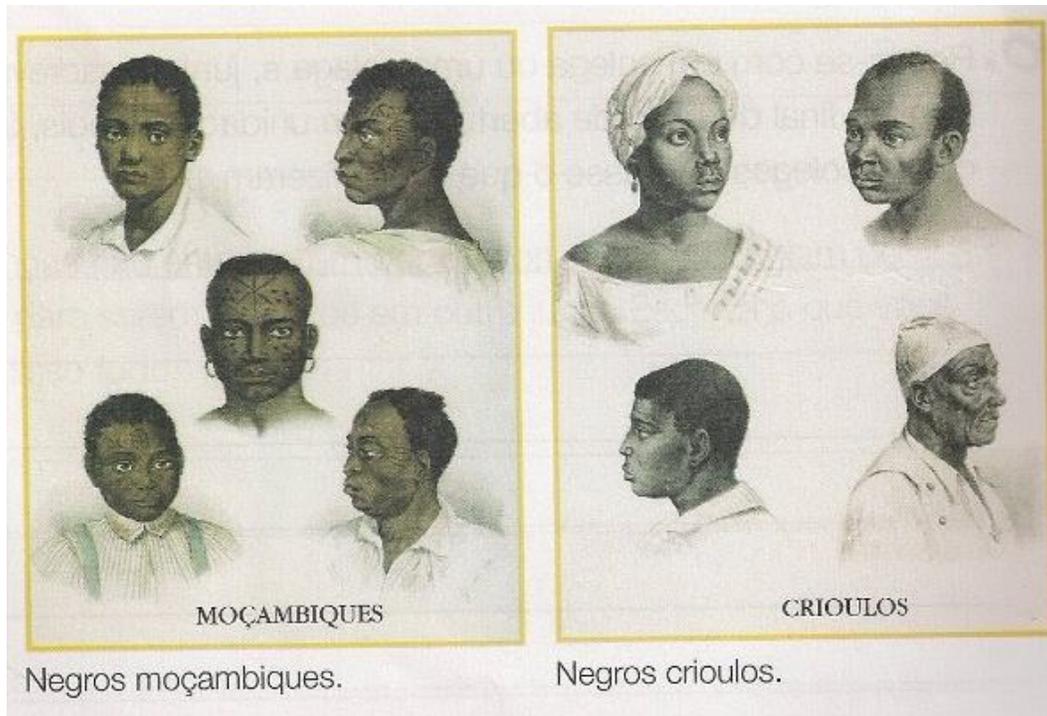
Imagem 8:

Vida Social



Negros benguela, angola, congo e monjolo.

Negros cabinda, quiloa, rebolo e mina.



São imagens de escravos e escravas africanos de diferentes nações, em que ficam claras as diferenças físicas e culturais. Os moçambicanos apresentam marcas de cortes (quelóides) na face que se aparecem também nas mulheres, mina, e em menor quantidade na mulher da nação monjolo. Essas marcas se diferenciam indicando ser pertencentes a nações distintas. Sabe-se que as nações não têm relações exatamente correspondentes ao território hoje demarcado. As imagens nos remetem a uma foto de identificação destes diferentes grupos. Encontramos uma multiplicidade de belezas nos adornos presentes em cada mulher, retratados com singularidade pelo artista.

História e Geografia

Imagem 9:

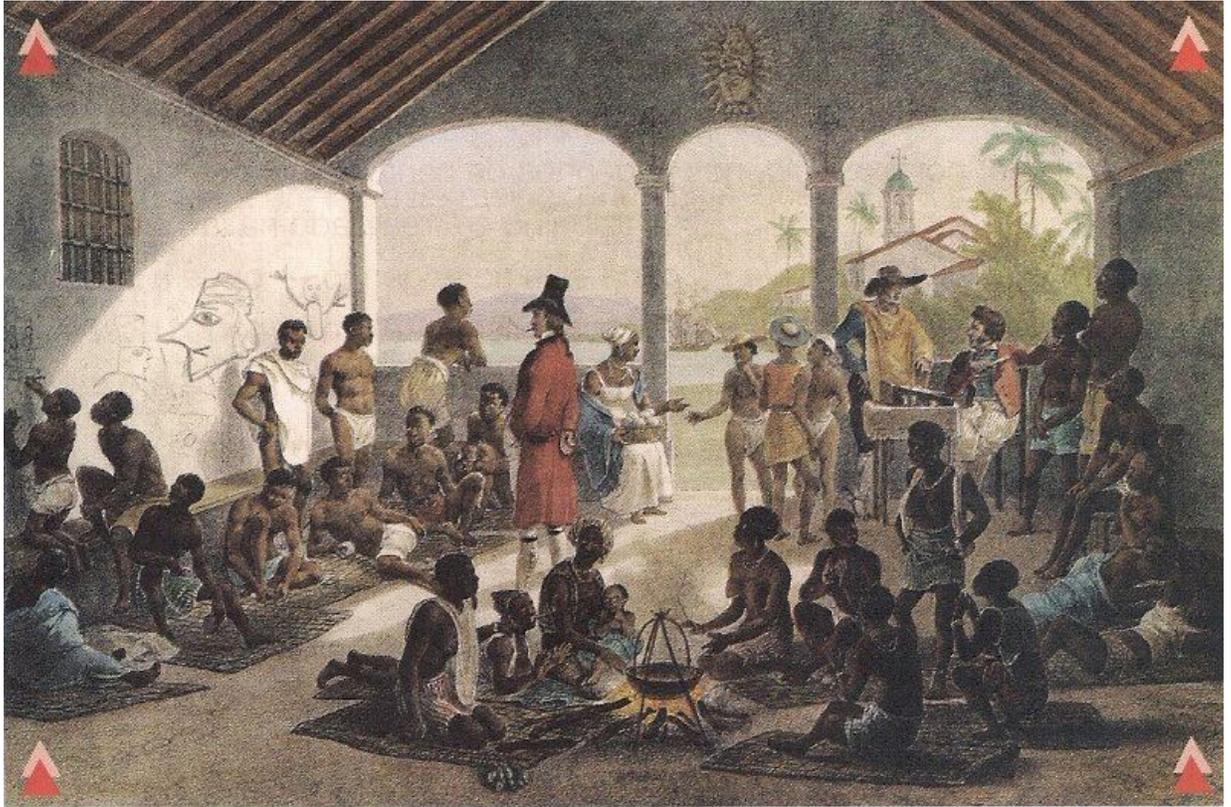
Tráfico

O livro de 2004 de título “História e Geografia” reserva cento e trinta e três páginas, das duzentas e sessenta e quatro, encontradas no livro ao ensino de história. Nela constam seis imagens de situações distintas do cotidiano escravo. Na página sessenta e quatro encontramos a mesma imagem do primeiro livro analisado, imagem (6=9) de um navio negreiro retratada por

Rugendas, agora datado de 1835 e titulado “negros no fundo do porão”, que se conecta ao texto como documento.

Imagem 10:

Tráfico



Na página seguinte existe uma ilustração **(10)** em tamanho maior titulada de “Mercado de Negros” datada de 1835. Essa ilustração de Rugendas representa o espaço em que os escravos eram negociados e vendidos aos senhores de engenho assim que desembarcavam no Brasil. É uma imagem que traduz muitos dos elementos culturais destes grupos. Um grupo, com mulheres e uma criança descansando em esteiras, se aquecem frente uma fogueira que também serve para aquecer uma panela. Todas as mulheres aparecem com os seios expostos.

Ao lado direito aparece a negociação de escravos, aparentemente mais velhos que os demais, por dois homens brancos. A frente destes homens um homem negro expressa sua liberdade nos calçados, indicando ser um negro forro. Ao lado uma escrava que, por vestir roupas assinala que diferente social

das outras mulheres, seminuas, já se encontra inserida no país e não está em negociação.

A esquerda um grupo de escravos mais novos é observado por um homem branco vestido de vermelho. Um deles faz desenhos nas paredes e retrata o homem branco em um de seus desenhos, expressando uma cultura gráfica atrelada a reprodução de imagens. Essa cultura artística, oriunda da cultura africana e afro-descendente é representada hoje pelos grafites. Arte que adquiriu grande relevância na reafirmação da cultura, e identidade negra que é atrelada a cultura popular.

Existe pouca comunicação entre estes homens e segundo sinaliza o texto do LD. Os compradores adquiriam escravos de diferentes nações para que não existisse na comunicação o agrupamento entre eles precavendo possíveis revoltas, segundo a historiografia apresentada no LD.

Imagem 11:

Trabalho agrícola



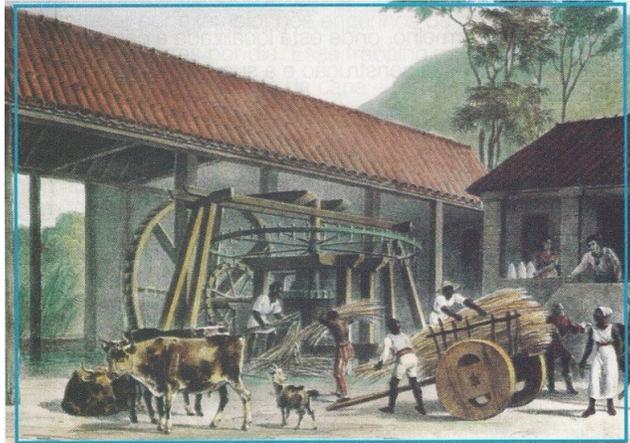
O trabalho escravo no canavial é retratado na página sessenta e seis, a imagem (11) titulada "moinho de açúcar" datada de 1667 e assinada por Franz

Post¹¹ marcando a aparição de um artista inédito neste trabalho. Tal imagem em formato macro, sem foco, mostra a paisagem de um moinho de açúcar em que não se pode observar com precisão a imagem dos escravos. Nessa imagem percebe-se a circulação dos escravos pelo moinho de açúcar, porém não podemos identificar quais atividades específicas estão sendo realizadas no momento.

Neste ponto já percebemos uma conexão entre as imagens que mostram o caminho percorrido pelo escravo, de diferentes nações, recém chegado da África até a produção do açúcar. O texto e as imagens caminham na confecção de uma história mais comprometida com um tipo de realidade da escravidão, não tendo com isso uma mudança real na produção do conhecimento da história e cultura africana e afro descendente. Ainda é perceptível a inexistência de uma relação com a contribuição da construção dos escravos negros na cultura e história brasileira com elementos das suas culturas. São omitidos seus cultos e festas que são pertinentes a cultura. A oralidade que é inserida em uma cultura letrada. Os caminhos e inserções feitas nos processos que culminaram na cultura brasileira ficam ocultados.

Imagem 12:

Trabalho agrícola



A foto seguinte da página sessenta e oito é a repetição colorida do “Engenho de açúcar” de Rugendas datada de 1835, apresentada no livro da

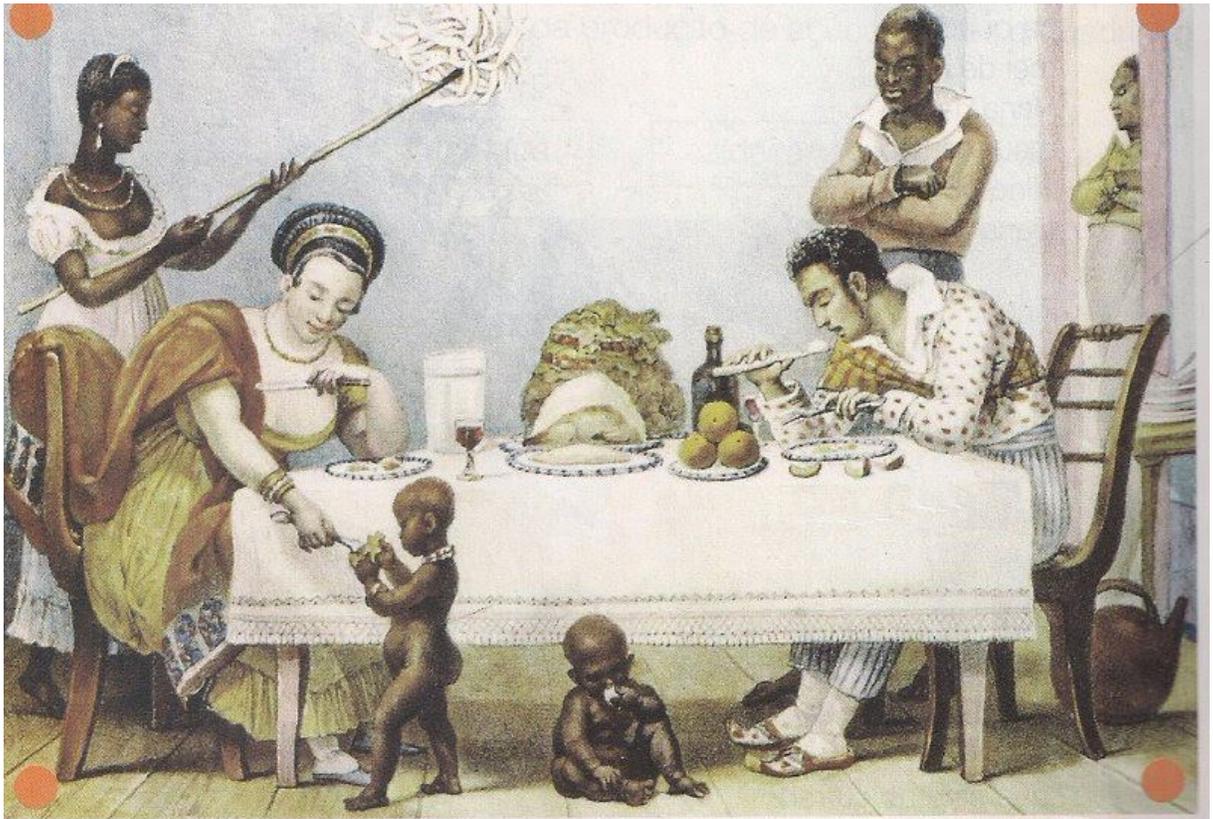
¹¹ POST (Franz), pintor holandês (Haarlem, 1612- id.,1680). Chegou ao Brasil (1637), com Mauricio de Nassau. De seus quadros sobre motivos brasileiros destacam-se Ilha de Itamaracá(1637), Paisagens das vizinhanças de Pernambuco(1669), além de trinta e dois desenhos sobre locais brasileiros e africanos, reunidos no álbum Delineações arquetípicas das regiões do Brasil. Foi o Primeiro grande artista a pintar paisagens brasileiras.

década de oitenta **(3=12)** o trabalho é observado por homens livres, detalhe este que não se observa no livro anterior. A imagem que agora recebe título, data e legenda, e faz parte da composição de exercícios do LD. A repetição da foto nos remete a significância que ela teve no processo de aquisição de conhecimento e o reconhecimento que ela adquiriu no meio de produção dos LD representa uma legitimidade da imagem.

No entanto o contexto que insere a imagem **(12)** reflete uma composição distinta da imagem **(3)**. A imagem **(12)** está inserida em um contexto que evoca outros elementos da escravidão. Com isso imagens iguais inseridas em um contexto distinto transmitem outra compreensão sobre o assunto.

Imagem 13:

Trabalho doméstico



A imagem **(13)** deste livro se chama "O jantar" de Debret e tem data de 1834-1839. Representa um casal branco se alimentando a mesa sendo abanados por uma mulher negra e observados por dois homens negros, que executavam o trabalho doméstico. Existem duas crianças negras sentadas ao chão sendo alimentadas pela senhora branca em cena.

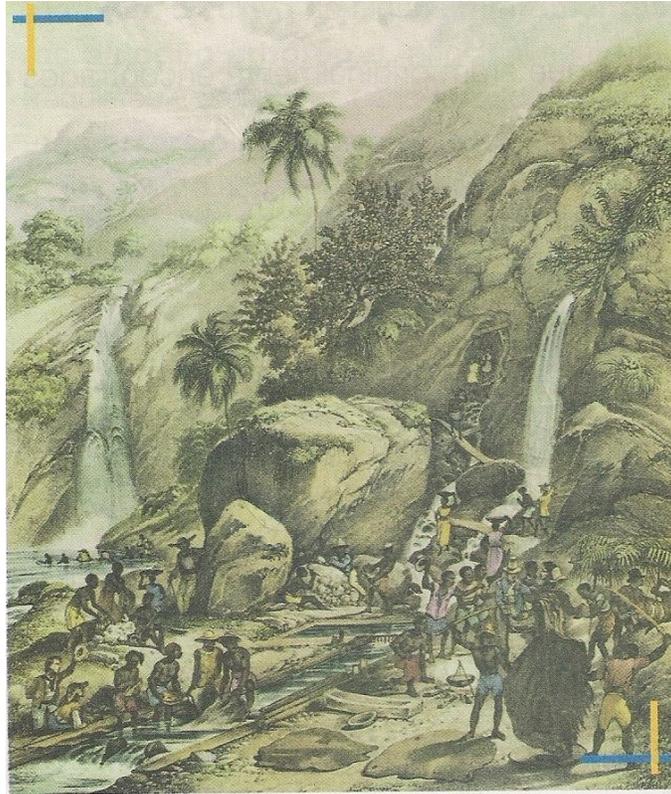
As crianças representavam relação distinta na sociedade do sec. XIX a representação observada atualmente relativa à infância. Eram tratadas como animais domésticos e não existia a preocupação que se desenvolveu na sociedade atual. Del Priore , em seu trabalho “História da criança no Brasil”, relata o tratamento oferecido as crianças, brancas, negras ou mestiças. Esboça o começo de uma relação de mimo com as crianças que passam a ser enfeitadas e alimentadas com cuidados.

Os mimos em torno da criança pequena estendiam-se aos negrinhos escravos ou forros vistos por vários viajantes estrangeiros nos braços de suas senhoras ou engatinhando em suas carinhas. Brincava-se com crianças como se brincava com animaizinhos de estimação (DEL PRIORE. 2000, p. 96).

Os filhos de brancos e negros dividiam os mesmos espaços aparentando uma suposta semelhança no tratamento dado a negros e brancos, porém essa condição é reservada a infância que apresenta um significado menor. São apresentados nessa imagem os escravos que trabalhavam dentro das casas grandes acompanhados de seus filhos. É certo que havia uma diferença entre estas escravas, e seus filhos, se comparados aos que viviam nas senzalas. Porém essa imagem revela uma diferença nas relações sociais encontradas se comparadas aos LD anteriores.

Imagem 14:

Trabalho agrícola



Mais uma vez de forma inédita neste trabalho é observado o trabalho escravo em outro processo de produção brasileira, “a mineração”. A imagem retrata muitos escravos e alguns homens livres trabalhando na mineração, na cidade de Ouro Preto, na imagem de ttulo “Lavage Du Minerai D’Or près de la montagne Itacolomi” de Rugendas. O trabalho é dividido em etapas assim como no processo do açúcar, porém o trabalho no minério advém apenas de encontrar a pedra que, por muitas vezes, serviu como moeda de alforria para escravos que conseguiam pegar alguma pedra sem passar pela a vistoria de seus senhores ou capatazes. Mesmo que não aparente nenhuma diferença, pois mantêm o trabalho escravo explorado, encontramos na nova atribuição “minerador” um caminho diferenciado, que conduz novo ambiente e possibilita outras relações e novas formações, isso é uma cultura mais diversificada. Ao participar de um habitat distinto constroem-se habilidades pertinentes a geografia e cultura local, dentre outros elementos, que tornam este individuo escravo diferente do individuo que vive no litoral.

Imagem 15:

Trabalho urbano



A imagem apresenta a chegada de uma “pessoa de condição” abastada no Brasil, o trabalho da escravaria urbana a transportando objetos que representam esta distinção. O trabalho urbano de escravos expandia-se a diferentes funções onde já exibe uma divisão de tarefas, não que um mesmo escravo deixasse de executar diferentes atividades.

Imagem 16:

Trabalho urbano



Abaixo dessa imagem lê-se “marceneiro dirigindo-se para uma construção”, que afirma a profissionalização do trabalho de escravos. Esse escravo que tem habilidade profissional cria mais um grupo de escravos. Os escravos que trabalham na cidade para seus senhores com habilidades específicas são escravos de aluguel. Prestavam serviços a outros senhores

que pudessem pagar pelo serviço e repassavam o valor aos seus senhores. O mais significativo nessa imagem é a nova ocupação do escravo negro que é reconhecido como um especialista. Ser escravo de ganho também possibilitava a economia e uma perspectiva futura de compra de sua liberdade.

Imagem 17:

Trabalho urbano



O menino da imagem carrega cestos que devem ser vendidos na cidade e a quantia previamente definida, destinado aos senhores. Eles eram chamados escravos de ganho. Essa imagem marca a primeira imagem da infância relacionada ao trabalho nos LD analisados. Uma imagem que possibilita uma

relação nova e distinta das demais em relação à escravidão e infância. Possibilita uma exploração de leitura da imagem que se insere a alunos de quarto ano e desperta a esses alunos uma nova condição de infância neste contexto histórico.

Projeto prosa: história, 5º ano

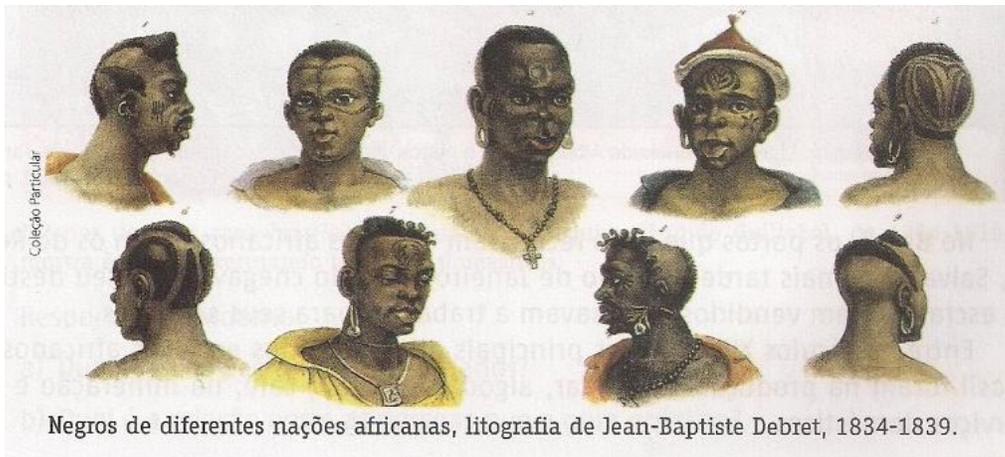
O livro de “Projeto prosa: história, 4º ano¹²” é o único que não divide seu espaço com conteúdo de Geografia. O livro de História contém cento e vinte e seis páginas divididas em oito unidades com dois capítulos cada. Encontramos na unidade cinco onze imagens de negros distribuídas em dez páginas. Nenhum dos capítulos aborda o tema cana de açúcar para servir de referência ao negro no Brasil.

Imagem 18:

Vida social



¹² ALVES. Alexandre. Projeto prosa: história, 5º ano. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.



A primeira página reserva à imagem de africanos de diferentes nações encontrada no livro um espaço maior que o texto. Ilustrações (18) de Debret mostram homens e mulheres com diferentes estéticas e trajas apontando um cuidado com as vestimentas e caracterizando uma estética e uma perspectiva de beleza.

Fazendo referência às mulheres percebemos uma beleza nas imagens que nos remetem a um preparo anterior. Os cabelos, roupas e colares enfeitam a indumentária. Percebemos que se comparadas às imagens anteriores encontramos algumas dessas mulheres com cortes (quelóides) nas faces, o que marca que dentre elas existem escravas de diferentes nações e comportamento estéticos distintos.

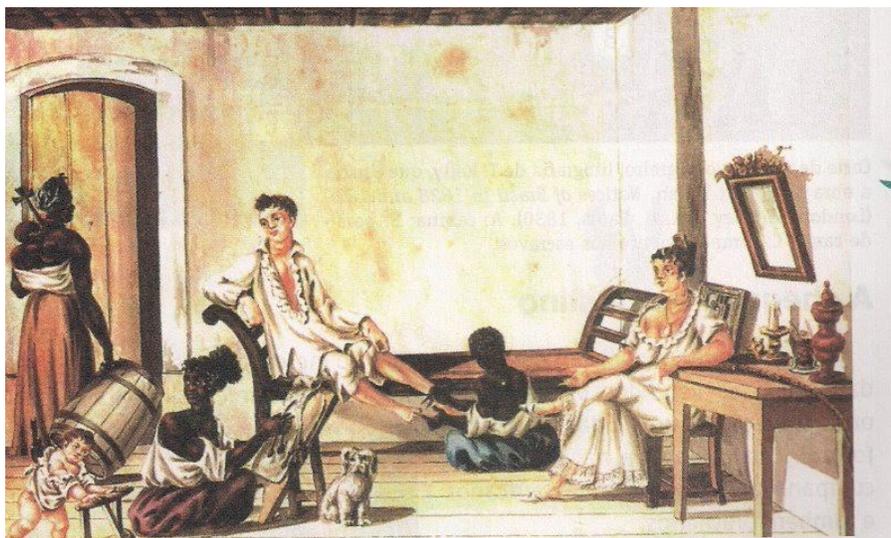
Nos homens encontramos muitas diferenças estéticas dentre elas: os diversos cortes de cabelo, cortes (quelóides), o uso de brincos por alguns deles. Se insere nessa foto exatamente na terceira imagem, um escravo que faz uso de um colar com um crucifixo que representa a inserção de cultura alheia a este grupo, isto é, sua aculturação religiosa, ou sua subversão a cultura imposta, na possibilidade do sincretismo religioso. A cultura Cristã foi um dos mecanismos de controle e domesticação dos africanos, que realizavam cultos distintos dos cristãos, e acabaram por mesclar sua cultura a cultura européia, produzindo assim uma saída a sua condição escrava. O sincretismo religioso foi o processo que se incumbiu de inserir elementos das duas culturas produzindo uma cultura que podemos chamar de cultura brasileira.

As religiões afro-brasileiras foram criadas a partir da junção das culturas, formando no cenário social uma relação de associação dos santos católicos aos orixás. Relação estabelecida através de negociações que demonstram a

representatividade dos escravos na sociedade. Atemos-nos a este tema na tentativa de demonstrar a inserção da cultura negra nos diversos espaços da sociedade.

Imagem 19:

Trabalho doméstico



Interior de uma casa brasileira, aquarela de Joaquim Cândido Guillobel, de 1814-1816, mostra escravos executando trabalhos domésticos.

A abertura a novos artistas é confirmada pela aquarela do artista Joaquim Cândido Guillobel¹³, datada de 1814-1816, apresenta mais uma vez o trabalho de escravas na Casa de seus senhores. Existem três mulheres negras trabalhando: uma delas com seu filho nas costas, outra tece fios enquanto

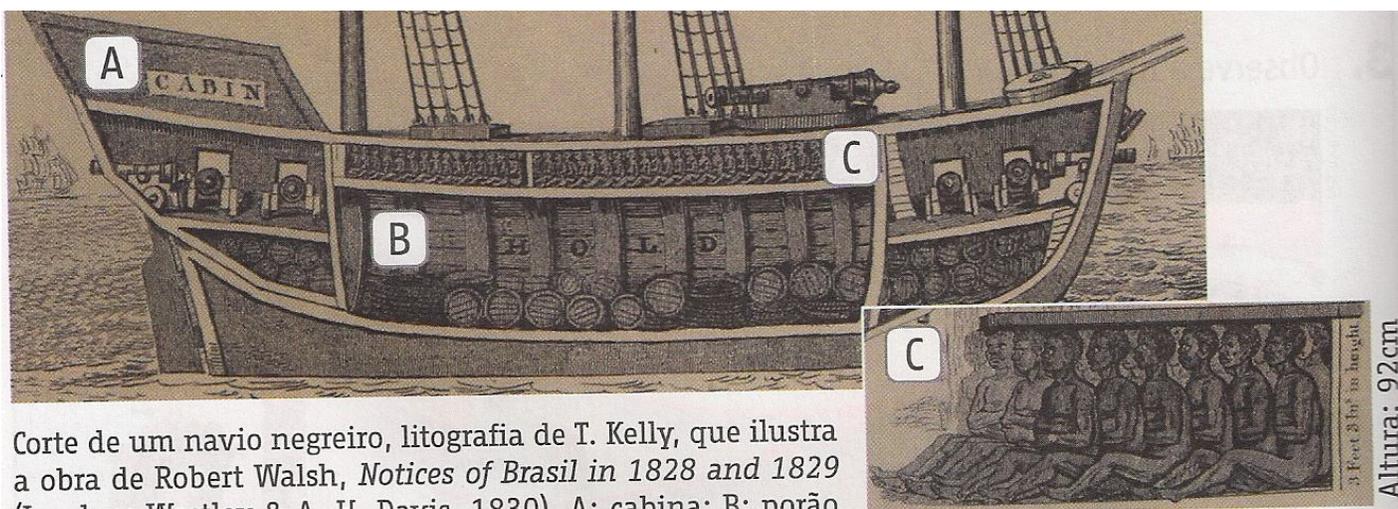
¹³ Joaquim Cândido Guillobel (Lisboa, Portugal 1787 - Rio de Janeiro RJ 1859). Desenhista, aquarelista, arquiteto, topógrafo e cartógrafo. Muda-se com seu pai, Francisco Agostinho Guillobel, para o Rio de Janeiro em 1808. Em 1811 ocupa o posto de primeiro tenente do Imperial Corpo de Engenheiros e passa a exercer a função de desenhista do recém-fundado Arquivo Militar. No ano seguinte inicia a produção de uma série de desenhos representando tipos e cenas urbanas do Rio de Janeiro. Em 1819 é enviado à província do Maranhão, onde realiza alguns mapas, publicados no ano seguinte com o título de *Usos e Costumes dos Abitantes (sic) da Cidade do Maranhão*. Retorna ao Rio de Janeiro e realiza a carta topográfica da província, em 1825. Matricula-se, em 1827, no curso de arquitetura civil, ministrado por Grandjean de Montigny (1776 - 1850) na Academia Imperial de Belas Artes - Aiba. Em 1829, assume novamente o posto de desenhista do Arquivo Militar e projeta novo chafariz para o largo da Carioca. Três anos depois, desenha a planta topográfica do terreno onde seria construído o novo edifício da Casa de Correção. Em 1834, trabalha como professor assistente do curso de desenho da Academia Militar. Promovido a titular dessa cadeira em 1836, ocupa o posto até 1852. Entre 1845 e 1855, dedica-se às obras de construção do Palácio de Petrópolis, realiza trabalhos para a Santa Casa de Misericórdia e responsabiliza-se, com José Maria Jacinto Rebelo e Domingos Monteiro, pela construção do Hospício D. Pedro II (Hospício dos Alienados). Em 1855 é nomeado professor honorário de ciências acessórias na cadeira de matemáticas aplicadas da Aiba.

observa o filho dos senhores e a última cuida dos pés do homem branco. A mesma relação com a infância é estabelecida nessa imagem. A criança é observada no chão enquanto a escrava leva seu filho junto, numa relação de cuidado. Esta imagem faz parte de um exercício do LD que questiona quais são os personagens e a relação existente entre eles.

Considero de importante relevância a imagem feminina como protagonista da imagem. Se comparados aos LD anteriormente analisados, é a primeira vez que a mulher exerce foco nas imagens além de lhe atribuir um trabalho que aparenta importante função na condução da organização da casa grande. Revela assim não só uma preocupação com uma visão diferenciada no mundo negro que nas imagens anteriores pertencia ao masculino, mas também habita a relação de valorizar o lugar do feminino.

Imagem 20:

Tráfico



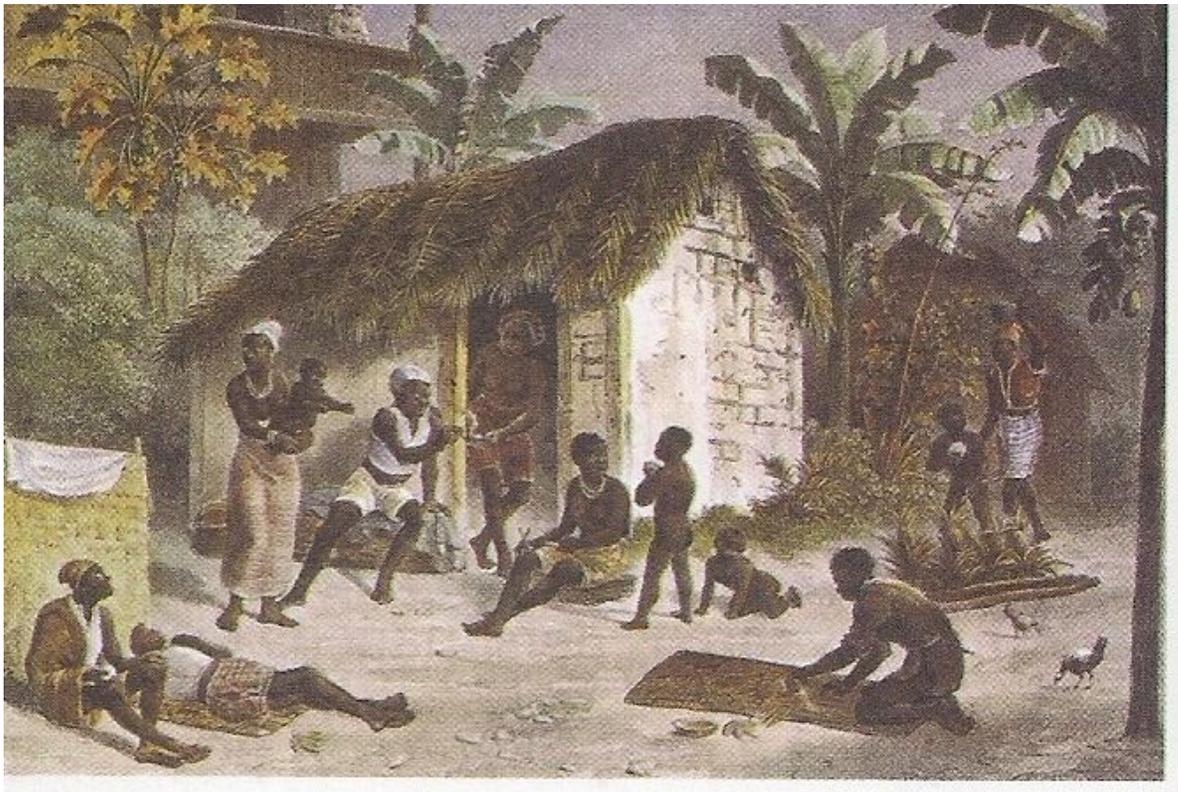
Corte de um navio negreiro, litografia de T. Kelly, que ilustra a obra de Robert Walsh, *Notices of Brasil in 1828 and 1829* (London: Westley & A. H. Davis, 1830). A: cabina; B: porão de carga; C: compartimento dos escravos.

O capítulo dois começa traçando as condições do caminho percorrido pelos escravos através do navio negreiro com obra distinta das anteriores, no mesmo tema, onde desta vez é escolhida a “litografia” de Thomas Kelly datado de 1828-1829. O recorte de um navio e sua divisão mostram as acomodações inadequadas em que viajavam os africanos. O uso do termo litografia especifica e qualifica o trabalho como documento.

Este trabalho se observado sem muita minúcia, nos leva refletir se não existe uma discreta diferença do retrato que fez Rugendas (6) no livro “Estudos Sociais: Brasil” que ao se tratar de uma obra de arte não tem o compromisso com a realidade, pois é dada ao artista a liberdade de criar. Essa obra foi retratada e posteriormente foi elevada a título de documento diferente da litografia de Kelly que já se insere como um documento que se propõe retratar uma possível realidade em cima de estudos anteriores.

Imagem 21:

Vida social

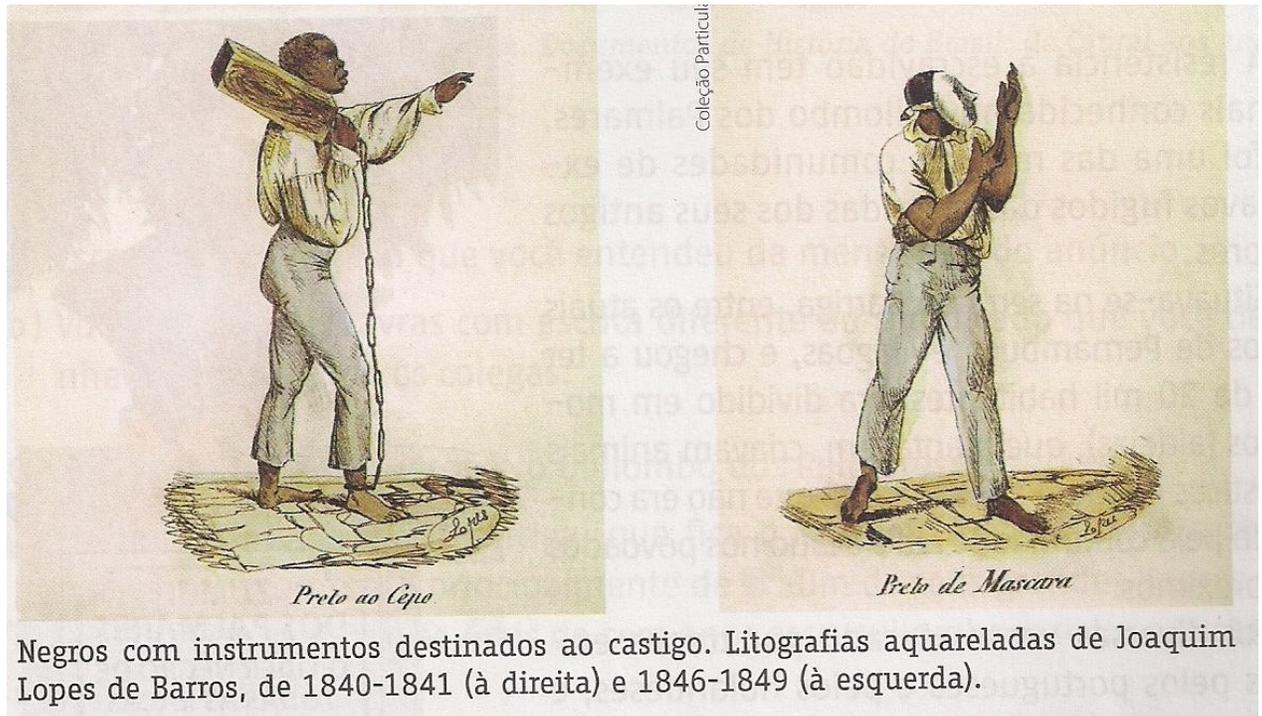


A imagem seguinte de Rugendas, é muito significativa, difere das demais obras do artista que apareceram até então. Negros, homens, mulheres e crianças aparecem em convívio social, numa habitação destinada aos escravos. Essa imagem demonstra a relação estabelecida entre os escravos e a sua sociabilidade. Voltamos a observar que as mulheres aparecem com os seios à mostra. Como descreve a legenda se trata de uma senzala, o que nos faz crer que as mulheres que trabalhavam dentro das casas grandes deveriam

vestir-se “aos modos” europeus e as mulheres da senzala viviam com uma proximidade maior de sua cultura nativa.

Imagem 22:

Castigo

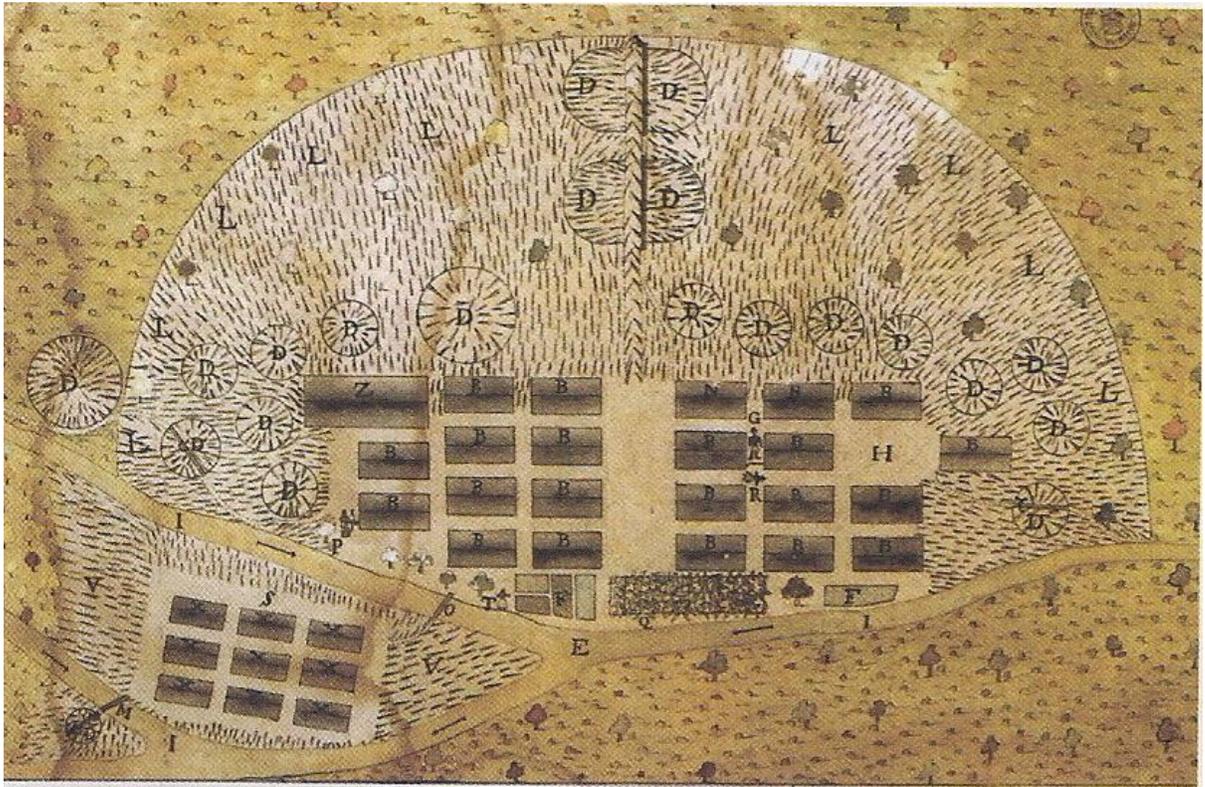


Na página, setenta e cinco, à direita duas imagens em tamanho maior demonstram os castigos destinados aos escravos. Imagens assinadas por Joaquim Lopes de Barros¹⁴, datadas respectivamente de 1840-41 e 1846-49, onde outras formas de castigo são observadas. Na primeira imagem, intitulada “preto de cepo”, um homem carrega uma tora de madeira que é ligada ao seu pé com uma corrente de ferro. Na segunda imagem de castigo de título “preto de mascara” uma máscara, que deduzo ser de ferro, pois existe um cadeado, é presa ao rosto de um escravo.

¹⁴TEIVE, Joaquim Lopes de Barros Cabral (Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1816 — 6 de novembro de 1863) foi um pintor acadêmico, [cenógrafo](#), [professor](#) e [caricaturista brasileiro](#). Estudou na [Academia Imperial de Belas Artes](#) a partir de [1833](#), onde tornou-se professor adjunto de desenho entre [1850](#) e [1855](#), e depois assumindo a cátedra de pintura histórica entre [1857](#) e [1860](#). Também colaborou na [imprensa](#) com caricaturas.

Impressiona-nos os diversos aparatos criados, apresentando as diferentes possibilidades de se castigar um escravo e a importância de retratar essas condições.

Imagem 23:
Resistência



Quando trata de luta e resistência escrava o livro é ilustrado com a planta do terreno do Quilombo Buraco do Tatu, situado em Itapuã na Bahia, em sua legenda é encontrado que o acervo origina do Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa, datado de 1764. Retrata a organização e o uso de conhecimentos elaborados não só na formação e disposição do espaço, mas da preocupação de local estratégico para que não fossem encontrados. Os quilombos são a expressão mais conhecida de resistência negra conhecida e divulgada pelos livros. Observo que este documento apresenta data de 1764 e se reserva a um Arquivo situado em Lisboa. Informações como essa que demonstram que, mesmo podendo apresentar dialetos e nações distintas esses escravos que também já haviam criado algum tipo de identidade, aceitavam qualquer fugido que ali chegasse.

Este espaço reproduzia uma vida em comunidade com organização política e social, espaço alijado aos escravos na sociedade escravocrata, plantações e divisão de tarefas, assim como de costume em sua cultura. Estabelece-se assim uma relação distinta da de entrada dos africanos no Brasil. A união de diferentes grupos se deu através da esperança de liberdade. Assim afirma Pina (2005) ao apontar o preconceito ao citar Rocha Pombo:

Quando define quilombo, sua visão preconceituosa sobressai: “É assim que se foram formando esses temerosos agrupamentos que desde o começo do referido século se fizeram em todas as capitanias o terror dos viandantes e das povoações indefesas”

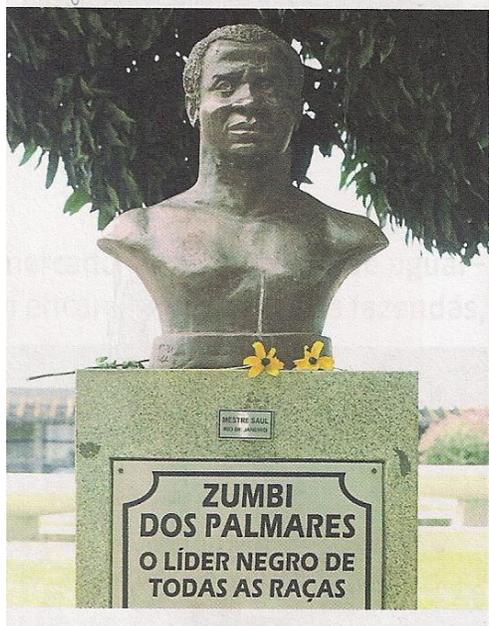
...

Continua nesse raciocínio e, passada a Guerra e tendo prosseguido os Palmares, o autor busca outras explicações. Passa a ressaltar o perigo para a nação brasileira e a necessidade da destruição. Relata as expedições tanto dos holandeses quanto dos portugueses para acabar com palmares, destacando as derrotas sucessivas a quantidade de negros aquilombados, as táticas empregadas pelos negros, etc. Além disso, descreve também um pouco da organização política e da vida social desses quilombos(PINA, 2005, p.8).

O autor criminaliza a resistência, re-significando a sua maneira o que representavam os Quilombos admitindo uma organização política e social. A aglomeração de negros em uma organização social causava temor à sociedade que ao tratá-lo como “coisa” marginalizou qualquer manifestação política vinda deste grupo. Muitos são os remanescentes de quilombos que conduzem suas vidas de acordo com seus antepassados. Possuem uma forma de educação própria e mantém a oralidade e ancestralidade como elementos imprescindíveis a condução dessa estrutura. Porém encontram dificuldades em permanecer vivendo em seus locais de origem, pois são submetidos à estrutura social vigente.

Imagem 24:

Resistência



O busto representativo da imagem de Zumbi é encontrado em Brasília. Trata-se da fotografia de uma obra moderna de referência ao líder do quilombo dos Palmares, o mais famoso e de maior aparição nos livros didáticos. Eles representam a resistência de escravos aos trabalhos desumanos.

Além da teoria do escravo-coisa, havia também a do escravo-rebelde, ou seja, aquele escravo que reage a sua condição de coisa através da revolta e do desespero. Jacob Gorender apontou que “o primeiro ato humano do escravo é o crime, desde o atentado contra seu senhor à fuga do cativeiro (PASSARETO, 2007.p.12).

O mito da aceitação da condição imposta ao escravo foi desfeito com a existência dos quilombos. Nenhuma imagem demonstra, sem necessitar maiores explicações, que o escravo lutou contra a condição a ele atribuída. Não exito em fazer comparações à imagem **(5)** apresentada no livro didático “Estudos Sociais”, onde zumbi aparece numa apresentação que a nosso ver denigre a historia da luta de resistência. Considerando os documentos e conhecimentos pertinentes a luta é possível afirmar que a imagem **(5)** tenha um direcionamento na transmissão de conhecimento encontrado neste LD um puro anacronismo de seu tempo histórico, a década de 80.

Assim a imagem (24) apresenta uma maior possibilidade de interpretações e posições analisadas por quem a observa. O trabalho do professor adquire maior autonomia possibilitando uma interpretação mais próxima à realidade, mesmo ela sendo uma representação atual de Zumbi e o elevando a categoria de monumento histórico.

Esta imagem evoca o quanto as lutas por afirmação ganham o espaço e a legitimação social. A estátua eleva este personagem histórico a outra dimensão sócio-política e a sua inserção no LD de certa forma apresenta esta mudança na sociedade brasileira.

Imagem 25:



Vendedores ambulantes, Cristiano Júnior. Rio de Janeiro, 1865.

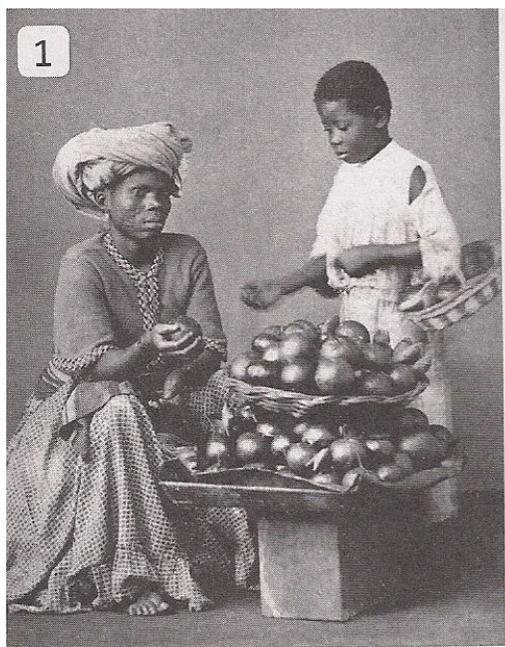
Festa de Nossa Senhora do Rosário, Johann Moritz Rugendas, 1835.

As idéias relativas à vida do negro mudam e fica claro nas fotos seguintes: uma nova relação com a sociedade. Encontro nas imagens numerações que usarei como auxílio em minha análise e com isso chamarei de imagem 25.1 a primeira imagem, e assim farei com as subseqüentes em correspondência à sua numeração.

O título encontrado na página setenta e oito esclarece o trabalho que esperamos encontrar daqui por diante. “Imagens que documentam a historia” traz quatro imagens dispostas na mesma página lado a lado com distintas aparições dos escravos.

Imagem 25.1:

Trabalho urbano



Vendedores ambulantes, Cristiano Júnior. Rio de Janeiro, 1865.

A foto de Cristiano Junior¹⁵ demonstra em fotografia o trabalho ambulante de uma escrava negra. A foto foi exatamente programada pelo fotógrafo, pois aparece em ambiente favorável ao retrato e não a um local de venda. Já identificamos marcas em seu rosto que caracterizam de sua nação

¹⁵ José Cristiano de Freitas Henriques Júnior (Portugal?, 1830 — Assunção, Paraguai, 1902) foi um fotógrafo da segunda metade do século XIX. Cristiano Júnior, nome pelo qual ficou conhecido, era provavelmente português de nascimento. Em 1862 já estava no Brasil exercendo a profissão de fotógrafo em Maceió, Alagoas. Logo a seguir transferiu-se para a capital do Império e assim que chegou ao Rio de Janeiro fez uma série de anúncios propondo-se "a tirar retratos por qualquer sistema fotográfico onde for chamado, seja qual for a distância". Neste primeiro momento ainda não se encontrava estabelecido e solicitava aos eventuais fregueses que o chamassem "por escrito no hotel Brisson, Rua da Ajuda 57B". Além de retratos o anunciante aceitava pedidos de encomenda e "quadros e cestas de flores e frutas de cera". No ano de 1864 associou-se a Fernando Antônio de Miranda (Cristiano Jr. & Miranda ou Cristiano Jr. & Fernando); a sociedade, que recebeu o nome de *Photographia do Commercio*, parece ter acabado no fim do mesmo ano. No princípio de 1865 Cristiano Jr. anunciava-se só e informava a clientela de sua transferência para a Rua da Quitanda, 45. Posteriormente Cristiano Jr. associou-se a Bernardo José Pacheco, com quem manteve o negócio até 1875. Apesar de manter o estúdio do Rio de Janeiro, Cristiano Júnior, desde o ano de 1867, buscava expandir as suas atividades na Argentina. Em 1871 recebeu a medalha de ouro na Primeira Exposição Nacional daquele país com a série de fotos *Vistas y costumbres de la Republica Argentina*. Em 1876 alcançou novamente o grande prêmio na segunda exposição anual da Sociedade Científica Argentina com uma coleção de *Retratos y vistas de costumbres y paisajes*. Apesar desse sucesso, faleceu pobre e quase cego, em Assunção, no Paraguai, onde passou seus últimos anos.

de origem. Como puderam contribuir as obras de Debret e Rugendas, podemos restringir as possíveis nações de origem dessa mulher. Observamos também que ela trabalha para seu senhor, não sendo uma liberta, pois não usa sapatos. A fotografia é um registro que nos dá com maior segurança a fidelidade da imagem. Por mais que exista a possibilidade de criar um ambiente que “corrompa” a realidade da imagem a expressão é mantida, o que em ilustração pode ser desconfigurado, não que exatamente o seja feito.

Nas últimas décadas da escravidão, alfaiates, carpinteiros, lavadeiras, quitandeiras, costureiras travavam complexas relações pessoais nas vilas do interior, envolvendo alguns escravos, mas principalmente libertos e livres, com larga predominância de forros e de seus descendentes. Estabeleciam, assim, verdadeiras comunidades, abertas aos recém chegados, mas capazes de oferecer alguma estabilidade a seus membros (MATTOS. 1993, p.48).

Homens e mulheres ambulantes dividiam espaços públicos com outros trabalhadores de diferentes “profissões” e em sua maioria libertos. É certo que o comércio ambulante foi um meio importante de sobrevivência dos escravos alforriados ou libertos, que não encontravam outros meios de sustento de sua família.

Pouco se pode observar na figura do menino, a não ser que ele compra o que a quitandeira vende. Certamente deve fazer compras para seu senhor.

A análise da imagem demonstra dois escravos que nos fazem compreender uma relação de submissão, pois nenhum deles encara a câmera. Se por vergonha ou desajeito, existe um desvio de olhar que sugere “medo”.

Imagem 25.2:

Festa



Festa de Nossa Senhora do Rosário, Johann Moritz Rugendas, 1835.

Na segunda ilustração de Rugendas, a primeira aparição dentre as análises, de uma festa protagonizada por negros. Uma festa religiosa, como sugere o título, onde os escravos se travestem e tocam para Nossa Senhora do Rosário. A maneira que encontraram de festejar e cultivar suas crenças, como dito anteriormente, foi o sincretismo religioso. Percebemos que os homens que usam coroa e a mulher ao seu lado usam sapatos. Neste caso a festa representa a irmandade do rosário que era uma estrutura que tinha como finalidade a compra de alforrias, e a mulher com sapatos é uma forra, salientando a perspectiva que a irmandade possuía. Os músicos vão a frente seguidos dos “rei e rainha” com estandarte e a fumaça ao fundo sugere uma multidão acompanhando a procissão.

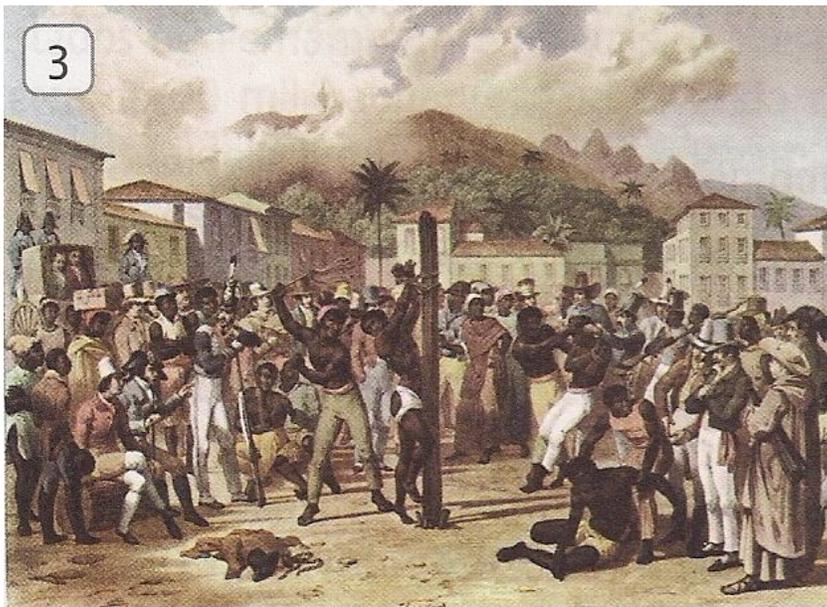
Acredito que a principal crítica feita à imagem incide sobre a autoria, ou o uso dos autores dos LD. O mesmo artista que se apresenta nas formas de opressão e submissão faz registros relevantes a história dessa cultura que se

reformula no cenário social do séc. XIX. A importância dessa foto nos sugere que por motivos que por uma condução política da história na perspectiva marxista da alienação do trabalho autores dos LD fizeram uso das imagens mais cruéis que o artista dispunha. Não convém aqui supor o porquê da repetição dessas imagens. No entanto o reflexo de construção de identidade do negro no imaginário social, junto às demais comunicações legitima o preconceito e confirmam que: As imagens de opressão e castigo têm seu valor, porém não deve sobrepor a construção cultural produzida que também é encontrada nas obras de arte. Registro que o valor a que nos referimos confere ao uso das imagens como crítica ao Império.

Essa imagem sugere o triunfo neste livro como pertinente a re-elaboração do imaginário e construção do sujeito negro na condição de se reconhecer como portador de sua cultura que representa significado social e o faz participante e crítico dentro de uma sociedade que cria seus critérios sobre uma visão elitista, branca, europeia. Conduz assim um percurso mais estreito com sua natureza.

Imagem 25.3:

Castigo



A terceira é o açoite público onde homens e mulheres negros e brancos assistem um escravo ser açoitado por outro escravo. Observo ser um escravo

pois não usa sapatos , o que não lhe reservava nenhuma regalia por executar o papel de feitor. Conforme assinala Mattos:

Um 'feitor' livre, o 'verdadeiro feitor', era antes de tudo 'um representante do senhor, que infundia respeito'. Um 'feitor escravo' seria apenas 'a máquina que castiga sem vontade própria' e apenas infundia medo. Sua única relação com o senhor era de 'submissão', a mesma dos demais escravos. Já o feitor livre teria uma relação com o senhor de esmera cortesia e mutua confiança que o elevaria, de fato, ao nível da família senhorial (MATTOS. 1993,p.124).

Essa função "transferia" ao feitor escravo os sentimentos de revolta que deveriam ser atribuídos ao senhor. Uma relação confusa para os escravos, pois se encontravam em mesma condição dando a idéia de traição por parte do escravo feitor. E a inteligente estratégia do senhor que ao repassar o cargo a outro escravo distribuía a revolta entre eles.

Imagem 25.4:

Trabalho agrícola



A última imagem é um retrato do trabalho no cafezal. Dois homens dispostos frente a frente colhem café que despejam em cestos apoiados as

costas. A imagem oculta suas faces que mais uma vez, insisto o que revelam as fotos, escondem-se do foco. Emitindo a possível interpretação de que os escravos temiam que qualquer contato com o homem branco repercutisse em repreensão já que entendo não ser qualquer escravo a ser fotografado.

Mais uma vez foco nas diferentes imagens de trabalho agrícola que este livro se ateve, o que me revela um pensamento que justifica a mostra de imagens de diferentes regiões do Brasil salientando abordar as diferentes culturas ajustadas ao país.

O livro expõe novamente a amplitude de temas excluídos ou dificilmente inseridos nos livros. Primeiro ao abordar o feminino como foco em uma imagem representativa da autonomia feminina. Depois ao englobar as diferentes regiões do Brasil. Portanto, concede assim a possibilidade de se identificar na imagem ou através de sua região ou gênero.

O livro possibilita uma identidade diferenciada dos livros das décadas anteriores. Trata agora de resgatar a história dos próprios familiares ao se mesclar, antigas imagens dos LD as histórias de suas vidas. Emerge no sujeito o que definimos etnicidade, uma vez que o aproxima da história e cultura e produz um sujeito com formação autônoma e identificado.

Este livro demonstra mesmo com a aparição de imagens clássicas, como a do açoite, outras relações do negro com a sociedade.

Em comum os livros das décadas de 1980 e 1990 apresentam os escravos inclusos na temática produção da Cana de Açúcar, o que se diferem dos livros de 2000, em que negros aparecem protagonizando o capítulo e suas imagens revelam realidades distintas das usadas nos livros anteriores. Neste livro a participação social do negro não só como trabalhador servil, mas como participante de outros espaços sociais incluindo o trabalho ambulante e as festas por eles realizadas.

4.5. TABELA DE IMAGENS

Total De imagens por categoria	Projeto prosa: história, 4º ano (2008)	História e Geografia (2004)	Os caminhos de Estudos Sociais (1996)	Estudos Sociais: Brasil (1989)	Relação Categoria/ livro
8	1	3	1	3	Trabalho agrícola
4	1	3	X	X	Trabalho urbano
2	2	X	X	X	Resistência
3	2	1	X	X	Vida social
2	1	1	X	X	Trabalho doméstico
1	1	X	X	X	Festa
3	2	X	X	1	Castigo
3	1	1	1	X	Tráfico
	11	9	2	4	Total de imagens por

Conclusão

Neste ponto peço licença à companhia dos autores que utilizei como base teórica, do auxílio de minha orientadora e demais contribuintes do meu conhecimento para tomar a fala em primeira pessoa, quando necessário. Penso que ao demonstrar minha identificação com o tema haja necessidade de falar com propriedade.

Retorno ao axioma do trabalho que revela como o ensino de história que suas imagens contribuíram para a negação da identidade negra ocultada e mitificada na escola. Ao analisar as imagens de livros didáticos de diferentes décadas percebemos influências distintas no resultado das produções, podendo exibir comparações claras que contribuem para instituir e deflagrar os elementos exigidos pela lei. O número de imagens exibidas nos livros cresceu na última década em relação às anteriores. Os documentos das décadas de 80 e 90 têm base nas bibliografias de autores clássicos que apresentam fortes traços de preconceito racial, e por isso suas imagens se encaixam apenas nas categorias que se destinam ao trabalho, castigo e tráfico. Estas imagens foram transportadas aos LD como ilustrações estéticas de sua composição, não representando um documento. Todas as categorias em que se encaixam tais imagens, resumem identidade negra à negociação de sua força de trabalho, reservando a este grupo a condição de uma “raça” marginalizada.

Assim o currículo é por consequência um documento que atesta a validade das informações, conduzindo este material à formação de sujeitos que se resignificam diante tais imagens. Os LD nos revelam imagens que desconectam o negro de uma identidade criada por sua cultura ancestral os desconectando de sua história. Essas imagens confirmam a raça como uma sucessão de semelhanças físicas direcionadas a um grupo de sujeitos de diferentes culturas, desqualificando qualquer indício de uma formação cultural.

No entanto ressalto que minhas críticas são uma análise criada a partir do lugar em que me encontro; a minha visão cultural do que é identidade negra. Com isso entendo também que os autores com estudos relevantes e artistas das obras mencionadas se inseriam em uma cultura que considerava outras formas de olhar o mundo, em uma cultura própria. Uma visão que hoje tem um significado distinto do meu: mulher, negra, estudante de pedagogia e brasileira no ano de dois mil e dez. Foram os olhos com a mescla desses

adjetivos que fizeram as inferências encontradas no enredo deste texto. Entendo assim que o movimento curricular e epistemológico tenha significado e se faça também na historiografia dos LD.

Se por um lado os postulados destes historiadores não são originais ou novos, por outro, o que estes historiadores da escravidão vêm fazendo certamente se diferencia da produção anterior, constituindo um momento singular na historiografia da escravidão. Ao tomarem a produção anterior como algo homogêneo e considerarem-na em seu conjunto uma historiografia superada, estes historiadores abstraem o fato de que a possibilidade da produção do novo nascem do velho e não seguem uma linha evolutiva linear. Sendo assim o que vem depois não é necessariamente superior aquilo que o procedeu, nem se constitui independente do que foi produzido antes, mas surge a partir de uma relação dialética com aquilo que se pretende negar (BERMAN, 2002-2003. p.4).

O caminho de produção historiográfica depende de uma produção anterior que, se hoje considerada satisfatória ou não, é condição *sine qua non* para nossas críticas. Assim se constroem os conhecimentos e nos aproveitando disso devemos re-significar os elementos culturais, conduzindo-os aos espaços de relevância social, é enfocar uma etnicidade ao invés de uma raça, os grupos étnicos ao serem representados como formadores sociais que avaliam com seriedade os elementos de sua cultura resultam em grupos autônomos e socialmente afirmados.

A representação dos livros didáticos dos anos 2000 elabora a partir de uma temática que parte do grupo para sua posição social. Pensar o indivíduo neste caso é representar um grupo que não se encerra nele. O LD conduz outros elementos marginalizados em nossa sociedade, abarca diferentes culturas dentro da cultura negra e afro-descendente. Observar imagens de mulheres negras trabalhando no século XIX e observar a realidade brasileira, numa condução sutil de elementos que evidenciem a presença da cultura negra e afro descendente no Brasil. O último livro (2008) evocou observar que estão presentes nos tipos de imagem, se através do tipo de cultivo ou em

evidências, as diferentes regiões brasileiras. Demonstrando que continuam existindo diferentes tipos de culturas negras que obtiveram através de sua história a formação de uma cultura com características da sua região.

Assim suas categorias e aumento do número de imagens de análise possibilitam as diversificar as “verdades” conduzindo a uma história que conte diferentes versões encontradas em documentos historiográficos. Deixam de existir apenas imagens marginalizadoras da identidade negra. Observamos sua cultura e história presente na apresentação de suas festas e na direfenciação das origens. Essas imagens fazem parte de uma leitura documental e participam dialogando com o texto numa análise pedagógica da mesma. Acompanham uma historiografia mais recente que propõe um trabalho em favor de uma identidade que reafirma o sujeito , demonstrando o impacto que a lei exerceu sobre os LD ao inserir a vida social do negro , assim reforçando que a luta do movimento e sua história fizeram a diferença no comprometimento com a sociedade negra.

Tais considerações demonstraram a diferença da representação do negro que, se aplicado ao mesmo grupo, reafirmará a formação de identidades distintas das formadas nas décadas anteriores. Perceber que o negro não é somente açoite e mão de obra ou a “coisa”, que cita Perussato (2000), é ressaltar um resultado de formação de identidade nova. Com uma nova concepção da história do negro no contexto brasileiro a formação das identidades serão outras, porém ainda estará na dependência do uso feito pelo professor deste material que influirá na produção destas identidades assim como das relações encontradas no espaço escolar.

É essencial que junto a este material exista uma relação que compunha e considere elementos da cultura no dia a dia da escola. É importante que sejam feitas críticas que independem das feitas neste trabalho, comprometidas com o conhecimento a que consolida a Lei 10.639/03. Neste viés admito de extrema relevância as mudanças obtidas nos LD na última década que se deve a um movimento coletivo de reafirmação de uma cultura historicamente aliada à marginalidade. Reergue-se nas possibilidades que são concedidas a educação uma possibilidade de mudança que acredito, devido às disparidades históricas, caminharem em direção a uma crítica favorável à identidade negra.

BIBLIOGRAFIA

BERTICELLI, Ireno Antônio. **Currículo: Tendências e Filosofia**. In. COSTA, M. V. O currículo nos limiares do contemporâneo. 4º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA, Warley. **Escravidão africana: imagens nos livros didáticos e produção de identidade**. In. XIV Endipe. Porto Alegre, 2008.

DEL PRIORE, Mary (Org) **História das Crianças no Brasil**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Enciclopédia e dicionário ilustrado Koogan – Houaiss Editora Delta, RJ, 1994.

GINZBURG, C. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In. GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MATTOS, Hebe Maria de, **Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MEYER, Dagmar Estermann, **Etnia, raça e nação: o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais**. In. COSTA, M. V O currículo nos limiares do contemporâneo. 4º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MONTEIRO, Ana Maria da Costa. **Professores e livro didático: narrativas e leituras no ensino de história**. In. ROCHA, H. A. B. REZINIK, L. MAGALHAES, M. de S. *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MUNAKATA, Kazumi. **Livro, Livro Didático e Forma Escolar**. In. Dalben, A. Diniz, J. Leal, L. Santos, L. (org). *Coleção didática e prática de ensino*.

Convergência e tensões no campo da formação do trabalho docente: currículo, ensino de educação física, ensino de geografia, ensino de história e escola, família e comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PINA, Maria Cristina Dantas. **A escravidão no livro didático de História:** Rocha Pombo e o ensino de História na Primeira República. Anpuh, XXIII Simpósio Nacional de História. Universidade Estadual de Londrina. Julho de 2005.

POPKEWITZ, Thomas S. **História do Currículo, Regulação Social e Poder.** In. SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. 6ª ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008-(Ciências Sociais da Educação).

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial: 1550 – 1835.** São Paulo, Companhia das Letras, 1988.